

A INDÚSTRIA DA MODA E AS RELAÇÕES DE TRABALHO

Alana Simionato
Danielle Lenuzza
Laura Mazzini

“Sou contra a moda que é passageira. Não consigo imaginar que se jogue roupa fora, só porque é primavera” (COCO CHANEL)

RESUMO: É inegável o quanto a indústria da moda se faz presente na vida das pessoas. Somos diariamente surpreendidos com a moda rápida, capaz de trazer consigo novas tendências, peças e estilos em uma frequência absurda. Existem discussões acerca das consequências e efeitos causados por esse tipo de produção, principalmente no que tange ao trabalho precário e explorado ao qual trabalhadores da indústria têxtil são submetidos, bem como os impactos ambientais causados por ela. Diante disso, é perceptível a ausência de uma conscientização e mobilização por parte dos consumidores e das grandes corporações que atuam neste setor. Por meio deste artigo, buscamos trazer evidências dos impactos negativos gerados pelo “fast fashion” e problematizar novas alternativas de moda, mais sustentáveis e conscientes.

PALAVRAS-CHAVE: Moda – Fast Fashion – Consumo – Exploração.

ABSTRACT: It is undeniable how present the fashion industry is in people’s lives. We are daily astonished by fast fashion, capable of bringing in new trends, pieces and styles in an absurd frequency. There are discussions about the consequences and effects caused by this type of production, however, there is no due mobilization from the population and influential corporations. Through this article, we seek to bring evidence of the negative impacts generated by fast fashion. In addition to providing new fashion alternatives, more sustainable and aware.

KEYWORDS: Fashion - Fast Fashion - Consumption - Exploration.

1. INTRODUÇÃO

O mundo da moda tornou-se amplamente desenvolvido e globalizado na sociedade moderna. Nele, observa-se a normatização da moda por estações do ano e barateamento da mesma. Essa indústria é impulsionada pela mentalidade com tendências superficiais – materiais - em que vivemos, onde é comum que ideias oscilem com grande frequência, assim como os estilos e gostos.

Por isso, o desapego aos objetos como roupas se transformou em algo normalizado, resultando no descarte excessivo e a substituição das

mesmas por outras de valores igualmente baixos. Assim, o comércio e o capitalismo se beneficiam deste consumismo, do desapego e da fácil disseminação de propagandas para fazer os consumidores se tornarem presas fáceis da indústria fast fashion.

Por ser a maior parte da indústria da moda, não é de hoje que existem discussões sobre fast fashion. Todavia, ainda não chegamos nem perto de tornar seus impasses um assunto muito discutido e problematizado. Por causa disso, a partir desse artigo, que possui a metodologia baseada em pesquisas bibliográficas, planejamos demonstrar o início, as influências, as consequências e causas da nova moda e seu avanço atual, voltado principalmente para as suas implicações na vida humana.

Por fim, devemos levar em consideração que o processo de vestimenta faz parte dos costumes humanos desde seu princípio e propiciou a sobrevivência da espécie humana em momentos difíceis como durante os períodos glaciais. Desde a primeira revolução industrial, notou-se um grande avanço técnico e social nas nossas relações com essas peças de roupa. Contudo, infelizmente, esse avanço passou a ultrapassar o necessário, assim que começou a se produzir mais roupas do que existem humanos no planeta e então é preciso descobriremos outras maneiras de nos relacionarmos com a moda.

2. A INDÚSTRIA DA MODA NA ECONOMIA GLOBALIZADA: ASPECTOS INTRODUTÓRIOS

A palavra moda vem do latim “modus” e significa costume, maneira ou comportamento, e faz parte da sociedade desde a pré-história, quando os seres humanos utilizavam de pele de animal para se cobrir e assim proteger-se do frio. Os primeiros registros são de 600 mil anos a.C, a partir de então a maneira de se vestir passou a ser

aprimorada. Com a tecelagem sendo desenvolvida na Mesopotâmia, era possível tingir os tecidos, e assim diferenciavam os faraós dos demais, tornando as roupas uma forma de identificação. No período das migrações, por exemplo, bárbaros e romanos eram reconhecidos pelas vestimentas.

A maneira de se vestir está diretamente relacionada aos aspectos históricos, geográficos, econômicos e sociais. Sendo assim, nos séculos IV e V os gregos utilizavam togas e roupas com pregas e ondulações. Já os egípcios se vestiam com roupas coladas e modeladoras até a altura dos joelhos e um manto por cima de túnicas brancas e cintos que modelavam os quadris. Do século VI ao X, época da queda do Império Romano, se usavam muitos bordados, pedrarias e cores.

Novos tecidos surgiram entre os séculos XI e XIII, como sedas, linhos, veludos e lãs e no século XIV o vestuário passa a ser mais rebuscado, com a utilização de corpetes, saias com fendas para as mulheres e calças justas para os homens. Chapéus, véus e toucas também passam a fazer parte do vestuário, acompanhados de sapatos de pontas longas e finas.

Com o Renascimento no século XV, as roupas passaram a ser mais extravagantes, as saias eram compridas e possuíam caudas longas, enquanto os chapéus perderam a fama. Nos séculos seguintes as saias passaram a ser amplas e armadas, as cinturas mais finas, e as mangas bufantes e com babados.

Devido a Revolução Industrial, a moda foi simplificada, os tecidos passaram a ser mais lisos, as roupas não eram enfeitadas e as cores eram limitadas às da bandeira. A partir do avanço das indústrias no século XIX, o mercado têxtil obteve força e a moda mudou drasticamente a cada década.

Vestidos de cintura alta, golas altas, gorros e chapéus (figura 1) se tornaram parte do vestuário feminino, seguido por mangas bufantes, decotes baixos e sutiãs (figura 2). As roupas masculinas envolviam camisas brancas, coletes, culotes, calças e botas (figura 3) em anexo.

No século XX houve grande avanço do feminismo, as estilistas passaram a ter mais destaque e assim os corpetes passaram a ser menos apertados, assim como as blusas e as saias eram em formato de sino. Entretanto, em pouco tempo as saias encurtaram, a maquiagem ficou mais forte, os saltos mais altos e os lenços se popularizaram. Enquanto isso, os homens abandonaram os ternos e adotaram um estilo mais simples, com calças boca de sino, sapatos plataforma e cabelos compridos. Nesta época a moda era influenciada pela mídia e movimentos socioculturais, tendo maior liberdade para a escolha de vestimentas.

O século XXI é o momento de maior liberdade de estilo, sendo ele influenciado pela mídia ou criados por cada indivíduo. Existem grupos sociais com um estilo bastante marcado, como *emos*, *indies* e *geeks*, e há aqueles que utilizam desses grupos como referência para criar seu próprio estilo. A moda hoje está vinculada à uma maneira de se expressar.

A moda está notavelmente presente na vida em sociedade. Somos, diariamente, bombardeados por anúncios e propagandas, mostrando novos produtos, tendências e fazendo com que também queiramos usufruir dessas novidades. Mas o que muitos parecem não perceber ou simplesmente ignorar é que há muito por trás da peça de roupa comprada.

Com a Revolução Industrial, ocorrida em meados do século XVIII, a indústria têxtil tornou-se um setor líder, tendo maior parte de sua mão de obra composta por mulheres e crianças, que eram exploradas de diversos modos.

As condições de trabalho eram péssimas, carga horárias altíssimas e salários escassos. Surge então, por volta de 1850, na Inglaterra, o termo *sweatshop*, as “fábricas de suor”, termo pejorativo criado para caracterizar fábricas nas quais os trabalhadores eram submetidos a condições de trabalho indignas e socialmente inaceitáveis, que acabaram por se popularizar em outros lugares do mundo.

Esse modelo de fábrica voltada apenas para o lucro acabou gerando um histórico desastre em Nova York. Em 25 de Março de 1911, houve o incêndio da fábrica Triangle Shirtwaist, que deixou 146 mortos, sendo 129 mulheres e 23 homens, todos entre 16 e 23 anos. A camisaria contava com 600 funcionários, em sua maioria mulheres e imigrantes, que trabalhavam cerca de 14 horas por dia e recebiam de 6 a 10 dólares por semana. O desastre acabou por contribuir com a criação de sindicatos trabalhistas para a garantia da segurança e direitos dos trabalhadores.

Todavia, esse modelo de produção segue sendo adotado em diversas partes do mundo, sendo utilizado majoritariamente em países que possuem leis trabalhistas precárias. Desse modo, acidentes continuam acontecendo na indústria da moda, como retratado no documentário “The True Cost”, do ano de 2015, que evidencia a realidade da moda chamada de “fast fashion”, a moda rápida.

A narrativa mostra ainda o desabamento do Raza Plaza em Dhaka, Bangladesh, uma fábrica têxtil, que terceirizava serviços de costura para grandes marcas. Centenas morreram. É comum no capitalismo, principalmente com a globalização, a apropriação da força de trabalho barata em lugares onde o custo para grandes empresas é mínimo e não existe a devida regulação disso, o que permite que essas fábricas funcionem desse modo tão degradante.

É irrefutável o quanto o modo de consumo atual, em que se compra apenas por comprar, sem necessidade, sem a mínima preocupação em relação à procedência do produto ou sua durabilidade, causa impacto negativo na vida de muitas pessoas.

O modelo de trabalho em fábricas têxteis é desumano, sendo chamado por muitos estudiosos de escravidão moderna pelo fato dos funcionários serem obrigados a trabalhar em ambientes insalubres, suscetíveis a desastres, durante horas seguidas para ganhar uma quantia mínima. Mulheres e crianças sendo exploradas, desperdiçando a vida em fábricas, produzindo peças que geralmente são descartadas após pouca utilização. Tudo para gerar lucro e diante dessa realidade, infelizmente, a sociedade atual parece não querer descortinar toda essa arbitrariedade.

Durante o avanço da indústria têxtil, desenvolveram-se indústrias que não estão dispostas a se manterem de modo sustentável, com equilíbrio entre os meios ambiental, econômico e social, pois além de todos os malefícios que as fábricas têxteis vêm causando à numerosas sociedades, elas também transformam o nosso maior ecossistema terrestre, a própria biosfera, tornando-a instável.

A exemplo disto está o desmatamento, a qual as companhias de vestuário estão diretamente ligadas. Algodão e soja são os principais cultivos das áreas da floresta amazônica que foram desmatadas no país. Sendo que 30% da produção da fibra de viscose - outro fio utilizado em larga escala na indústria da moda, até mesmo por empresas que se autodenominam sustentáveis - provém de árvores de florestas nativas e não são plantadas exclusivamente para extração de matéria-prima.

Além disso, no que tange ao uso de terras, pode-se perceber a utilização de agrotóxicos no cultivo de algodão, utilizado na produção de vestes. Foi constatado pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) que cerca de 25% de todo inseticida usado mundialmente tem destino às plantações de algodão (DONAGEMA, 2011). Além de causar a futura infertilidade do solo, poluição do ar atmosférico, dos lençóis freáticos e envenenamento da fauna local, a utilização desses venenos em larga escala pode gerar um efeito rebote no solo e causar grandes danos à saúde dos trabalhadores que manuseiam o algodão e têm contato direto com esse produto.

Isso facilmente ocorre nas culturas de algodão onde os pesticidas, fertilizantes e inseticidas são utilizados sem moderação, visto que quanto mais deles se utiliza, mais deles são necessários e mais caro e difícil se tornará o plantio da semente. Assim, se estabelece um ciclo de indispensabilidade do uso desses químicos. No entanto, com o tempo, se tornará inconcebível continuar a utilização dessa mesma terra, obrigando o lavrador a buscar outras terras, piorando ainda mais o desmatamento. Sendo assim, a utilização de agrotóxicos só pode ser considerada eficiente e lucrativa quando vista a curto prazo.

Outra grande pegada ecológica que a indústria da moda trouxe ao planeta Terra foi a hídrica. Para se gerar um quilograma de fibra de algodão, é preciso de 7000 a 29000 litros de água. Isso ocorre porque utiliza-se desse líquido para a rega do algodão, para o tingimento da sua fibra e para o acabamento da mesma, além de diversas lavagens que ela é submetida. A partir dessas lavagens e pigmentações, incontáveis químicos e micropartículas de tecido são descartados sem a devida precaução. Logo, a água contaminada percorre o esgoto e muitas vezes sem receber tratamento corre em direção a rios e mares, poluindo-os instantaneamente.

Por último, porém não menos importante, se encontra o descarte do tecido. Sendo ele retalhos das fábricas ou roupas já utilizadas, quando descartadas, deve-se fazê-lo de maneira correta, pois muitos dos componentes de várias peças de vestuário podem afetar o meio ambiente, como seus corantes artificiais e tecidos a base de polietileno tereftalato (PET). Anualmente, somente em retalhos no Brasil, são descartados 175 mil toneladas em que aproximadamente somente um décimo é descartado corretamente, segundo a Associação Brasileira da Indústria Têxtil e Confecção (ENCONTRO DA INDÚSTRIA PARA A SUSTENTABILIDADE, 2012).

Além de todas as consequências ambientais do plantio de algodão e utilização de fibras sintéticas, existem também os danos na saúde para os que trabalham nas lavouras de algodão sem proteção adequada e/ou moram nas proximidades.

A respeito disso, foi registrado no documentário "The True Cost", dirigido por Andrew Morgan e exibido em 2015, a trajetória da comunidade que vive em uma vila que se localiza perto de uma plantação de algodão que utiliza químicos agrícolas em larga escala. Nessa região, um médico relatou que houvera um aumento drástico no número de malformação congênita, câncer e doenças mentais. Ademais, ele relacionou essas doenças com o uso de químicos nas plantações vizinhas à vila. Isto posto, é possível perceber uma extensa gama de dilemas que permeiam a atual indústria da moda, os quais precisam ser repensados.

3. O CONSUMO EM TEMPOS DE FAST FASHION

3.1. CONSUMO

No mundo contemporâneo, globalizado e regido pelo capitalismo, o consumo se tornou algo extremamente comum. O ato de comprar

somente por comprar, sem que exista a mínima necessidade de o fazer, já se tornou tão natural que a maioria sequer questiona se realmente precisa consumir aquele produto, se será rapidamente descartado e principalmente: qual seria o processo pelo qual esse item teria passado antes de chegar à loja.

Desde a criação das linhas de produção em escala, o comportamento humano em relação ao consumo mudou. A existência da abundância de insumos por si só já começou a trazer diversas mudanças no padrão de vida da população.

A partir da década de 1980 algumas mudanças passaram a ocorrer no sistema capitalista e com a descentralização da produção e negociações feitas em escala global, cria-se um novo padrão de consumo na indústria da moda, firmado em um tripé: produção a baixo custo, rápida distribuição e preços atrativos ao público. E é baseado no mesmo modelo que se dá a indústria como conhecemos hoje, o que é evidenciado pelo fato de que, atualmente, cerca de 80 bilhões de peças de roupas são vendidas por ano, o que equivale a mais de 11 peças por cada habitante do mundo (TANJI, 2016).

A população atual é regida pelo consumo, somos diária e incessantemente bombardeados por propagandas e anúncios, transmitidos através dos mais diversos meios de comunicação que estão em todos os lugares e possuem apenas um objetivo: conquistar o espectador, fazendo com que deseje o produto mostrado e que pense precisar dele, sentindo-se, de certo modo, inferior por não possuí-lo. Com a popularização do modelo *fast fashion*, as lojas estão sempre repletas de novidades, conseqüentemente, o ato de comprar torna-se um hábito para muitos e os produtos adquiridos anteriormente, ainda que em ótimo estado, tornam-se completamente descartáveis.

3.2. AS CONDIÇÕES PRECÁRIAS DE TRABALHO NA INDÚSTRIA FAST FASHION

Com a ascensão da tecnologia uma nova relação econômica é fundamentada e segue presente até hoje, sendo baseada na relação de troca entre os operários, que dispõem de seu tempo e mão de obra e os donos dos meios de produção, que dispõem de salário pago mensalmente. Todavia, a troca estabelecida não é bem-proporcionada, visto que os trabalhadores são obrigados a trabalhar um expediente de muitas horas, em ambientes completamente inadequados e insalubres, sendo submetidos a riscos e doenças e além disso, recebem uma remuneração baixíssima.

São inúmeras as indústrias têxteis ao redor do mundo que se utilizam do trabalho escravo moderno através da exploração da mão de obra, principalmente de mulheres e crianças. No Brasil, infelizmente, não é diferente. De acordo com dados disponibilizados pela Organização Internacional do Trabalho (MENEZES *et al.*, 2018) em 2011 mais de 161 mil pessoas se encontravam em situação de escravidão no país, no caso da indústria têxtil, a maioria da mão de obra, entre 85 e 90%, é feminina.

Ademais, são muitas as empresas que buscam mão de obra em outros países, lugares onde exista população em situação de vulnerabilidade e com leis trabalhistas precárias, para que haja a produção em massa, sem que sejam necessários grandes gastos com a remuneração ou as demais garantias trabalhistas.

Tudo para que o consumo excessivo possa ocorrer, gerando cada vez mais lucro, como retratado no já citado filme "The True Cost" (2015). O documentário apresenta a cadeia produtiva da moda, retratando como as redes de varejo utilizam-se do poder cultural das roupas para gerar consumo em grande escala, enquanto produzem as peças vendidas por um custo baixíssimo, através da mão de obra barata.

Tamanha ganância acaba impactando negativamente a vida de milhares de pessoas, que são obrigadas a viver sob condições de trabalho completamente insalubres, passando, muitas vezes, mais da metade de suas vidas trabalhando nas indústrias para que possam receber uma ínfima remuneração. É descabido que tantas pessoas precisem sofrer em nome do consumo, pois já é tempo dos compradores passarem a se conscientizar sobre os verdadeiros custos por trás do que estão consumindo, o que leva ao questionamento: Até quando o público consumidor continuará fingindo não saber a verdade por trás da moda?

São inúmeros os casos divulgados nas últimas décadas acerca de denúncias sobre trabalho escravo em indústrias do mundo todo. Muitas marcas famosas já foram denunciadas, existindo a comprovação de que muitas delas compram de indústrias que utilizam mão de obra análoga à escrava. Ainda assim, os compradores seguem frequentando essas lojas, optando por ignorar essas informações, como se não fossem significativas o suficiente para que repensassem seu consumo. Será que os compradores só passarão a se importar com os impactos do fast fashion quando verem com os próprios olhos? É o que retrata o documentário “Blood Sweat & T-shirts”.

O documentário britânico, exibido em série em 2008 pela BBC Three, conta a história de seis jovens consumidores e amantes da moda, que afirmam saber o que é dito sobre o processo de confecção das roupas, contudo, dizem não ser o suficiente para que desconstruam ou repensem seus atos consumistas. Os seis participantes selecionados são convidados a viajar à Índia, para viver e trabalhar lado a lado com trabalhadores do setor de confecção de roupas, produzindo peças que são vendidas em lojas britânicas, como aquelas frequentadas pelos jovens participantes.

A falta de empatia por parte de alguns dos jovens é notória, pode ser percebido no início da série, quando os participantes são dirigidos aos locais em que vivem famílias de trabalhadores, onde ficarão hospedados. Ao se deparar com as condições do ambiente, a maioria se choca e tem como primeira reação a expressão de repulsa visível e dizem se negar a ficar naquelas condições, quando na realidade deveriam estar se perguntando como e porque tantas pessoas vivem em ambientes como aqueles por tanto tempo.

Já na quarta parte do documentário, o grupo adentra uma das partes mais impactantes de sua jornada até então, momento em que são postos para trabalhar nas fábricas secundárias de Dharivi, uma das maiores favelas de toda a Ásia. Ao perceberem o ambiente em que os trabalhadores se encontravam e se defrontarem com o trabalho infantil, os participantes passam a, finalmente, sensibilizar-se com o problema e procuram saber mais sobre sua extensão e como resolvê-lo.

É irrefutável o quanto as condições de trabalho na indústria fast fashion são precárias: ambientes insalubres, exposição a doenças, trabalho forçado e repetitivo, expedientes extensos, remuneração injusta e locais propensos a desastres. É preciso que haja uma mudança de pensamento e principalmente de atitude por parte das populações consumidoras. Desse modo, uma nova indústria da moda poderá emergir.

3.3. TRABALHO TERCEIRIZADO

O conceito de trabalho terceirizado é o processo ao qual algumas empresas contratam outras para realizar algum tipo de trabalho para elas com sua própria mão-de-obra. Esse processo é utilizado em larga escala na indústria da moda, a qual grandes marcas não querem ter seu nome possivelmente atrelado a fraudes trabalhistas e serem multadas por não

conceder os devidos direitos aos seus funcionários, assim, contratando outra empresa que pode ou não tratar os contratados de forma coerente com a lei. Com a transferência de boa parte da produção para países em desenvolvimento, o que tem se observado, geralmente, é a precarização das condições de trabalho, assim como abusos aos direitos humanos.

Sendo assim, esse tipo de emprego é uma das principais causas da ainda hoje vigente mão de obra análoga à escravidão, não só encontrada em confecções fashion, mas como em lavouras, mineradoras, entre outros.

Nicola Philips, argumenta que:

[...] a terceirização representa o principal meio de reduzir custos e obter flexibilidade em resposta às condições variáveis do mercado e as pressões comerciais impostas pelas empresas líderes, as quais escapam das pressões do cumprimento social e do alcance da regulação e monitoramento. Uma consequência direta é a expansão contínua do trabalho precário, inseguro e explorador como a marca registrada de muitas cadeias de globalização contemporâneas, executadas por uma força de trabalho altamente vulnerável e desprotegida, da qual os trabalhadores informais, migrantes e contratados vieram a ser os principais constituintes (PHILLIPS, 2014, p.16).

Uma das maneiras de encontrar trabalhadores em condições precárias, trabalhando indiretamente para grandes empresas é na situação de imigrante. No Brasil, por exemplo, a imigração de cidadãos de outros países da América Latina é comum e muitas dessas pessoas são chamadas e contratadas por alguma oficina de costura que produzirá peças para marcas famosas. Posto isso, as pequenas empresas procuram os imigrantes com a intenção de persuadi-los a virem trabalhar no Brasil, com promessas de que aqui terão melhores condições de vida. Contudo, o que eles escondem é que assim que chegam ao país, os imigrantes terão que arcar com todas as despesas da viagem e da moradia e para isso, eles e suas famílias terão que viver e trabalhar na fábrica para pagarem suas dívidas.

Todo esse sistema de logística de “contratação” é chamado de *truck system*. As jornadas de trabalho desses novos funcionários sem dúvidas são exaustivas e resultam num sistema de servidão similar ao feudal, com a diferença de que estamos no século XXI e não na Europa do século VI.

Além das condições de trabalho se mostrarem precárias, em meio a essa terceirização, a utilização de mão de obra infantil também não é monitorada. Em Limeira, cidade de São Paulo, a economia baseada na produção de acessórios se sustenta com a utilização de trabalho infanto-juvenil. Lá é comum encontrar menores de idade produzindo bijuterias como se estivessem dentro de uma fábrica, mas sem receberem seus direitos trabalhistas.

Em 2013, o Globo Repórter citou em uma reportagem a pesquisa “Nem tudo brilha na produção de joias em Limeira - SP”, realizada em 2004, onde se relata que quase 6 mil crianças e adolescentes trabalham na montagem de joias e bijuterias. Porém, essa, infelizmente, é a forma de conseguirem obter dinheiro para ajudar os pais em casa. As crianças, além de realizarem um trabalho repetitivo e estarem em risco de contrair Lesões por Esforços Repetitivos, ainda ganham um valor mínimo. Sendo assim, enquanto as empresas pagarem um preço irrisório a cada peça produzida e a população não questionar os motivos que levam esses acessórios serem vendidos com preços tão baixos, essa situação não mudará.

Outro grande exemplo da utilização de trabalho terceirizado ocorre nas indústrias calçadistas no Brasil. Esse tipo de empresa muitas vezes tem o costume negativo de utilizar mão de obra de cidadãos desempregados para a execução de tarefas menos complexas da produção, como colar solas de sapatos em casa. Esse “funcionário” não recebe nada além do valor por peças produzidas, então, para encontrar

uma saída da miséria, o trabalhador autônomo comumente pede para sua família ajuda para aumentar a produção diária e assim ter uma maior remuneração. Esse tipo de vítima laboral acaba trabalhando em casa por horas infinitas e sem quaisquer regulamentos e direitos. Sobre o que ocorre, Renato Bignami explica que:

A precarização contida no setor têxtil é constituída por: [...] diversos signos, como a generalização do pagamento por peça, relacionando diretamente a produtividade do trabalhador com a contraprestação salarial e indicando uma diluição do risco no negócio entre patrão e empregado. Outra característica é o aumento de trabalho em domicílio, dificultando enormemente a intervenção do Estado e o controle de jornadas de trabalho. Essas peculiaridades reunidas, no contexto do sistema de suor, constituem um aumento descomunal nas horas de trabalho e a redução dos salários como consequência do rebaixamento do valor do trabalho advindo das três condições anteriores (BIGNAMI, 2016, p. 14).

A partir do excerto, pode-se concluir que a intervenção estatal em fábricas que se utilizam de trabalho domiciliar é extremamente rara. Sendo assim, a vida daqueles que conseguem sobreviver apenas com trabalhos manuais pode ser levada desse jeito por anos sem ser interrompido, famílias inteiras ficam à mercê de marcas que se aproveitam do alto índice de desemprego atual do país para aumentar os seus lucros. Assim, o ciclo do enriquecimento dos mais ricos do país continua, em prejuízo à precarização do trabalho de milhares de brasileiros.

3.4 AS GRANDES MARCAS E A EXPLORAÇÃO DO TRABALHO NA INDÚSTRIA DA MODA

No Brasil, a exploração do trabalho análoga à escravidão muitas vezes está ligada a imigrantes e ao desenvolvimento de uma dependência do mesmo com a empresa que o trouxe para o país. Normalmente essas

empresas os revelam que os custos da viagem, de moradia e cotidiano serão dívidas dos imigrantes e pagas com o trabalho realizado. Sendo assim, essas pessoas que vieram ao Brasil para encontrar novas oportunidades acabam se deparando com enrascadas, levando consigo toda a família.

Essas empresas muitas vezes podem ser contratadas por outras maiores para produzir determinadas peças de roupas de design feito pelas grandes empresas sem que estas tomem nota das condições de trabalho deploráveis que se encontra quem produz suas peças.

A exemplo do exposto temos o caso da empresa Zara Brasil. A marca espanhola é famosa por produzir roupas que parecem de grife, entretanto são vendidas a preços mais acessíveis para a classe média. O sistema de reabastecimento das lojas da franquia é feito a cada 15 dias. Para que isso ocorra com facilidade, a marca produz uma grande quantidade das roupas no próprio país em que a filial se encontra.

Na Zara Brasil, cerca de 35% a 40% de todas as peças vendidas nas lojas brasileiras são produzidas internamente, de acordo com a revista Valor Econômico em 2020. O problema começa quando a marca não presta devida assistência às empresas de confecções contratadas, negligenciando as inspeções que deveriam ocorrer dentro das oficinas de costura para assim evitar que aconteçam deslizos nas diretrizes trabalhistas as quais a marca Zara diz prezar.

Em consequência a essa falta de assistência, em 2011 foi encontrado, em uma das oficinas de costura contratadas, imigrantes bolivianos em situação de trabalho análogo à escravidão. A denúncia que apontou o caso veio a público em junho do mesmo ano, entretanto levaram-se 6 anos a mais para que a justiça reconhecesse a Zara Brasil como responsável pela infração trabalhista.

A resposta da empresa ao escândalo foi confirmar à imprensa que a Zara Brasil realiza vistoria a cada 6 meses nessas fábricas contratadas e também que assumiria o erro por qualquer denúncia feita posteriormente que envolva essas oficinas contratadas ou subcontratadas. Porém, não foi exatamente isso que ocorreu, pois a companhia ao invés de realmente fazer a vistoria das manufaturas e cuidar para que não houvessem deslizes das leis trabalhistas, simplesmente pararam de contratar serviços de oficinas que empregam imigrantes. Essa conduta gerou um aumento do desemprego de imigrantes no Brasil, principalmente bolivianos (figura 4). Entretanto, em maio de 2015, foi constatado pelo Ministério do Trabalho e do Emprego que a Zara Brasil recebera uma multa por discriminação com valor em torno de R\$ 800 mil.

Outra grande marca nacional que já se envolveu nesse tipo de caso é a loja de departamento fundada no Rio Grande do Sul, a Loja Renner. A empresa utiliza-se do logo “Você tem o seu estilo, a Renner, tem todos” inferindo assim que ela seria uma loja que abrange uma diversificada gama de estilos para todos os públicos necessários.

Apesar de seu relacionamento positivo com clientes, a Renner foi denunciada por contratar uma empresa que subcontratava outra, que realizava trabalho irregular e ilegal. Em referência ao ocorrido, ela arcou com as consequências e se desvinculou da oficina que fez esse tipo de contratação, além de pagar as devidas indenizações aos funcionários e ao MTE (Ministério do Trabalho e do Emprego) por descumprimento da legislação trabalhista. A respeito disso, a marca também fez questão de relatar que não apoia quaisquer serviços que se encaixem fora do padrão da lei em sua cadeia de produção.

Essas duas empresas tiveram dois tipos de respostas diferentes ao problema. A primeira marca resolveu favorecer sua imagem como empresa, evitando uma próxima conduta fraudulenta vinda de suas

fornecedoras, entretanto resultou em outra denúncia por discriminação e falta de profissionalismo com os dados disponíveis. Já a Loja Renner, resolveu lidar com a situação de modo mais formal, priorizando a legislação brasileira e os direitos dos trabalhadores das fornecedoras, o que gerou um aumento de confiança na rede e a visão de que ela realmente queria evitar ser vinculada à escravidão contemporânea.

4. UMA OUTRA INDÚSTRIA DA MODA É POSSÍVEL: RELAÇÕES MAIS HUMANAS DE PRODUÇÃO E TRABALHO

A indústria da moda é uma das maiores responsáveis pela poluição, possui um dos salários mais baixos e a situação de trabalho é extremamente precária. Quando falamos em maneiras de modificar essa realidade, precisamos levar em consideração aspectos ambientais, econômicos, sociais e culturais, ou seja, pensar desde o cultivo da matéria-prima até o destino final da peça produzida, assim como as condições de trabalho. A moda precisa ser ética, sustentável e justa.

Em contraposição ao *fast fashion*, em 2004 foi criado o termo *slow fashion*, que seria uma alternativa socioambiental mais sustentável no mundo da moda. Essa prática preza pela produção em pequena e média escala, valorizando os recursos locais e um sistema de produção mais transparente, para que o consumidor saiba exatamente o que está comprando e o que está por trás dessa peça de roupa. Nesse sistema, os produtos têm uma maior durabilidade, utilizando-se de técnicas como o remendo para aumentar o tempo de vida útil do produto. As roupas também são mais simples e atemporais, para que possam ser usadas por muito tempo, não somente na “temporada da moda”.

Fashion Revolution é um movimento parecido, que teve origem após o desabamento de um prédio em Bangladesh em 2013, onde as vítimas trabalhavam em péssimas condições para marcas globais. Essa

ação já está presente em mais de 100 países, incluindo o Brasil e foca na mudança industrial, cultural e política.

Seu objetivo é acabar com a exploração do meio ambiente e da mão de obra, exigindo condições dignas e seguras de trabalho e redistribuir o poder de produção ao redor do mundo. Para uma mudança cultural, procuram conscientizar as pessoas, explicando o impacto de cada um na indústria e buscam desenvolver um movimento diverso com pessoas de todos os lugares do mundo. Para as mudanças industriais, realizam pesquisas que mostram os impactos causados por esse setor e influenciam marcas a mudarem através da pressão dos consumidores. Na política, protestam por uma maior participação do governo na causa, desenvolvendo melhores leis e regulações para a indústria.

Em um estudo realizado pela Future Impacts e 4CF, "O Futuro da Sustentabilidade na Indústria da Moda" publicado em 2019, são expostas 14 medidas de sustentabilidade que podem ser implementadas até 2035 e mais da metade pode ser realizada em uma década.

De acordo com o estudo, algumas das principais atitudes para tornar a indústria da moda mais responsável são novos tipos de fibras e processos que permitem utilizar pouca energia e pouca água, assim como possibilitar a reciclagem. As medidas que apresentam menor impacto no meio ambiente e melhores condições de trabalho são responsabilidade dos produtores, fazendo com que diminuam a quantidade de lixo produzido e salários justos, além de possibilitarem boa qualidade de vida aos trabalhadores. Para que essas condições sejam concretizadas a participação do governo local é essencial.

Algumas marcas já estão adeptas a esses movimentos e contribuem para uma mudança nesse setor, o tornando menos poluente e mais digno para os trabalhadores. Desse modo, são exemplos para outras empresas fazerem o mesmo e assim ressignificar o ato de consumir.

A Oficina Muda, por exemplo, foi fundada com base no conceito de *upcycling* – processo que utiliza-se de materiais já existentes para criar peças novas - assim diminuindo a quantidade de lixo. Com a ajuda de marcas parceiras, eles coletam o que seria descartado, reaproveitam e transformam em roupas novas, que são vendidas por um valor mais baixo que o original, dessa maneira incentivando o consumo consciente. De acordo com o site da marca, desde o início do projeto em 2016 a Oficina Muda já ressignificou 45 mil peças, o equivalente a 12 toneladas.

Outra marca que procura contribuir para essa mudança é a SIM Store, que segue a linha de pensamento do *slow fashion*, priorizando a produção local e confeccionando em menores quantidades. As embalagens não levam plástico e as etiquetas são transformadas em marcadores de livros. A marca IRAL é muito parecida, a manufatura é brasileira e preocupa-se com as condições de trabalho dos seus empregados, além de utilizarem matéria-prima vegana.

Isso nos mostra como ter um negócio e ser sustentável ao mesmo tempo é possível. Se grandes empresas passarem a seguir esses movimentos e novas políticas forem implementadas, a situação do meio ambiente e dos trabalhadores pode ser melhorada. Dessa maneira a moda pode continuar a fazer parte do cotidiano das pessoas e não será mais uma indústria irresponsável.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É indiscutível que a indústria da moda seja uma das mais importantes atualmente se fazendo presente na vida das pessoas. Contudo, após a pesquisa realizada, tornam-se evidentes os diversos problemas existentes nesse setor. A exploração é visível em todas as etapas de produção, utilizando-se de matérias primas sem a mínima preocupação com os danos ambientais gerados. Além disso, há uma falta

de preocupação no que tange ao bem-estar dos trabalhadores e o descarte dos materiais é completamente irresponsável.

Entretanto, a mudança para uma indústria mais consciente é possível, pois diversas marcas já fizeram essa transição. Porém, ainda não é o bastante para mudar essa indústria.

Para que realmente haja uma mudança e a moda deixe de ser uma indústria tão poluente e tóxica, tanto para o meio ambiente quanto para as pessoas, é necessário que haja uma mudança maior por parte de todos. As grandes empresas precisam se adequar ao *slow fashion* e começar a produzir em menor escala, assim como reaproveitar os materiais que sobraram ao invés de jogá-los fora. É importante também que as pessoas comprem de lugares que já fazem parte desse movimento e pressionem as marcas a mudarem seu estilo de produção.

Em vista disso, é de extrema importância que uma mobilização maior seja feita, por meio de empresas, pessoas e instituições influentes e principalmente por parte dos consumidores, afinal, muitos deles não têm consciência dos processos necessários para que a peça de roupa comprada chegue em suas mãos.

É inadmissível que tantos danos ambientais e tanto sofrimento sejam causados apenas em favor do lucro. A indústria da moda tem se mantido às custas de muito sofrimento e essa situação precisa urgentemente ser modificada. É tempo de repensarmos nossas atitudes e aderirmos a novas formas mais responsáveis e conscientes de se fazer moda.

6. REFERÊNCIAS

ABREU, Nathália. **O que a etiqueta não mostra! Os impactos socioambientais da moda tradicional.** Rio de Janeiro: Autossustentável, 2017. Disponível

em: <<http://autossustentavel.com/2017/12/o-que-etiqueta-nao-mostra-impactos-industria-moda.html>>. Acesso em: 13 Mai. 2020.

ABREU, Nathália. **Inovação e consumo consciente: o caminho para uma indústria de moda sustentável.** Rio de Janeiro: Autossustentável, 2017. Disponível em: <<http://autossustentavel.com/2017/12/inovacao-e-consumo-consciente-o-caminho-para-uma-industria-de-moda-sustentavel.html>>. Acesso em: 14 Ago. 2020.

ABREU, Nathália. **O movimento que inspira a Moda Sustentável – Conheça o Fashion Revolution.** Rio de Janeiro: Autossustentável, 2019. Disponível em: <<http://autossustentavel.com/2019/05/o-movimento-que-inspira-a-moda-sustentavel-conheca-o-fashion-revolution.html>>. Acesso em: 14 Ago. 2020.

Ainda há escravos por trás das roupas. S. local: **Carta Capital**, 2019. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/fashion-revolution/ainda-ha-escravos-por-tras-das-roupas/>>. Acesso em: 07 Mai. 2020.

A última fogueira das mulheres. A memória dos direitos civis. São Leopoldo: **Instituto Humanistas Unisinos**, 2011. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/41178-a-ultima-fogueira-das-mulheres-a-memoria-dos-direitos-civis>>. Acesso em: 07 Mai. 2020.

BERGENTHAL, Camila. **Respostas não Estatais à Precarização do Trabalho na Indústria Têxtil: O Papel da Autorregulação e das Organizações não Governamentais.** São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2017. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/342851392_Respostas_Nao_Estatais_de_Combate_a_Precarizacao_do_Trabalho_na_Industria_Textil_o_papel_da_autorregulacao_e_das_organizacoes_nao_governamentais>. Acesso em: 19 Ago. 2020.

BIGNAMI, Renato. **Trabalho Escravo na Indústria da Moda: o sistema do suor como expressão do tráfico de pessoas.** São Paulo: Academia, 2014. Disponível em: <https://www.academia.edu/27114465/TRABALHO_ESCRAVO_NA_INDÚSTRIA_DA_MODALDA_O_SISTEMA_DO_SUOR_COMO_EXPRESSÃO_DO_TRÁFICO_DE_PESSOAS>. Acesso em: 18 Ago. 2020.

BLOOD SWEAT & T-SHIRTS. Direção: Edward Levan. Produção: Sarah Stinchcombe. Reino Unido. BBC Tree. 2008. 4 ep. (60 min) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8l-xXEIC7iw>>. Acesso em: 02 Ago. 2020.

CAMPOS, André. Zara corta oficinas de imigrantes e será multada por discriminação. **Repórter Brasil**, 2015. Disponível em: <<https://reporterbrasil.org.br/2015/05/zara-corta-oficinas-de-imigrantes-e-sera-multada-por-discriminacao/>>. Acesso em: 14 Ago. 2020.

ENCONTRO DA INDÚSTRIA PARA A SUSTENTABILIDADE, 2012, Brasília. **Têxtil e Confecção: Inovar, Desenvolver e Sustentar:** Indústria Têxtil. Brasília: Cni/abit, 2012. 77 p. Disponível em: abit.org.br/adm/Arquivo/Servico/114256.pdf. Acesso em: 10 ago. 2020.

COSTA, Beatriz. **Slow Fashion e Consumo Sustentável: Um estudo exploratório sobre compra e uso do vestuário pelo consumidor.** Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/33411/33411.PDF>>. Acesso em: 08 Ago. 2020.

DAHEIM, Cornelia; KOLOS, Norbert; NOSARZEWSKI, KACPER. The Future of Sustainability in the Fashion Industry. **C&A Foundation**, 2019. Disponível em: <<https://candafoundation.org/en/news/pdf/future-sustainability-fashion-industry-delphi-final-report-futureimpacts-ca-2019-v7.pdf>>. Acesso em: 14 Ago. 2020.

DONAGEMA, Guilherme Kangussú et. al. (Org.) **Manual de métodos de análise de solos.** Rio de Janeiro: Embrapa Solos, 2011. Disponível em: <<https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/990374/1/ManualdeMtodosdeAnilisedeSolo.pdf>> Acesso em: 14 Ago. 2020.

FASHION REVOLUTION. **Fashion Revolution**, 2020. Somos a Revolução da Moda. Disponível em: <<https://www.fashionrevolution.org/about/>>. Acesso em: 14 Ago. 2020.

PHILLIPS, Nicola. **Labour in Global Production: Reflections on Coxian Insights in a World of Global Value Chains.** London: Taylor & Francis Group journals, 2014.

GLOBO REPORTER – Crianças desgastam olhos e pontas dos dedos na fabricação de joias no interior de SP. Edição 9.8.2013 Disponível em: <<http://g1.globo.com/globo-reporter/noticia/2013/08/criancas->

desgastam-olhos-e-pontas-dos-dedos-na-fabricacao-de-joias-no-interior-de-sp.html>. Acesso em: 20 Ago. 2020.

LEGNAIOLI, Stella. **O que é slow fashion e por que adotar essa moda?** S. local: Ecycle, 2020. Disponível em: <<https://www.ecycle.com.br/5950-slow-fashion.html>>. Acesso em: 14 Ago. 2020.

LINS, Hoyêdo; ROUSSENQ, Dayana. **Fast fashion e trabalho (in)digno: O Caso Zara Brasil.** Santa Catarina: Seminário de Ciências Sociais Aplicada - UNESC, 2018. Disponível em: <<http://periodicos.unesc.net/seminariocsa/article/view/4733>>. Acesso em: 19 Ago. 2020.

MAIA, Camila. **Lojas Renner descredencia oficina autuada por trabalho escravo.** São Paulo: Valor Econômico, 2014. Disponível em: <<https://valor.globo.com/empresas/noticia/2014/11/27/lojas-renner-descredencia-oficina-autuada-por-trabalho-escravo.ghtml>>. Acesso em: 15 Ago. 2020.

MENEZES, Júlia *et al.* **OIT TRABALHO ESCRAVO: guia de estudos.** Belo Horizonte: Fundação Torino, 2018. 64 p. ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. Disponível em: <http://www.fundacaotorino.com.br/snu/wp-content/uploads/2018/04/Guia-OIT-VII-SNU.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2020.

MERCANTE, Carolina. **Terceirização na Indústria de Confecções e Reincidência do Trabalho Análogo ao Escravo.** Campinas: ABET, 2015. Disponível em: <<http://abet2017.com.br/wp-content/uploads/2015/09/CAROLINA-VIEIRA-MERCANTE.pdf>>. Acesso em: 20 Ago. 2020.

MOCELIN, Ana Paula. História da moda: o básico que você precisa saber! Paraná: **Blog Maximus Tecidos**, 2017. Disponível em: <<https://blog.maximustecidos.com.br/tudo-sobre-historia-da-moda/>>. Acesso em: 12 Mai. 2020.

Moda Upcyclin. Rio de Janeiro: **Oficina Muda**, 2020. Disponível em: <<http://oficinamuda.com.br/>>. Acesso em: 20 Ago. 2020.

MINISTÉRIO DO TRABALHO. Lista de Transparência. **Repórter Brasil**, 2016. Disponível em: <<https://reporterbrasil.org.br/wp->

content/uploads/2017/03/Lista-de-Transparência_-dez2014-2016.pdf>.
Acesso em: 20 Ago. 2020.

NAVARRO, Amanda. Conheça 9 marcas famosas envolvidas com trabalho escravo. **Esquerda Diário**, 2017. Disponível em: <<https://www.esquerdadiario.com.br/Conheca-9-marcas-famosas-envolvidas-com-trabalho-escravo>>. Acesso em: 15 Ago. 2020.

Os impactos ambientais decorrentes da cadeia produtiva têxtil. **Portogente**, 2014. Disponível em: <<https://portogente.com.br/noticias/meio-ambiente/82179-os-impactos-ambientais-decorrentes-da-cadeia-produtiva-textil>>. Acesso em: 09 Mai. 2020.

PHILLIPS, Nicola. **Trabalho na produção global: reflexões sobre as percepções Coxian em um mundo de cadeias de valor globais**. London: Taylor & Francis Online, 2016. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14747731.2016.113860>>. Acesso em: 18 Ago. 2020.

SALLES, Carolina. Os impactos por trás das roupas que compramos. **Jusbrasil**, 2014. Disponível em: <<https://carollinasalle.jusbrasil.com.br/noticias/120463135/os-impactos-por-tras-das-roupa-que-compramos>>. Acesso em: 10 Mai. 2020.

SANTINI, Daniel. Após flagrante em fornecedor, Lojas Americanas se comprometem a fiscalizar cadeia produtiva. **Repórter Brasil**, 2013. Disponível em: <<https://reporterbrasil.org.br/2013/10/apos-flagrante-em-fornecedor-lojas-americanas-se-comprometem-a-fiscalizar-cadeia-produtiva/>>. Acesso em: 20 Ago. 2020.

SASSO, Nathalia. **Movimento global denuncia o trabalho escravo na moda**. Porto Alegre: UFRGS, Humanista, 2018. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/humanista/2018/06/14/movimento-global-denuncia-o-trabalho-escravo-na-moda/>>. Acesso em: 07 Mai. 2020.

SIM STORE. **A revolução do consumo**. Rio de Janeiro: Simstore, 2020. Disponível em: <<https://www.simstore.com.br/loja/mapa-436102>>. Acesso em: 20 Ago. 2020.

TANJI, Thiago. Escravos da moda: os bastidores nada bonitos da indústria fashion. **Revista Galileu**, 2016. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2016/06/escravos-da->

moda-os-bastidores-nada-bonitos-da-industria-fashion.htm>. Acesso em: 08 Ago. 2020.

THE TRUE COST. Direção: Andrew Morgan. Roteiro: Andrew Morgan. Produção: Michael Ross. França. Life Is My Movie Entertainment. 2015. (92 min.) Disponível em: <<https://www.facebook.com/watch/?v=439571466721446>>. Acesso em: 12 Jun. 2020

TRABALHO: Saiba a diferença entre terceirizado e temporário. **Revista Veja**, 2017. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/economia/trabalho-saiba-a-diferenca-entre-terceirizado-e-temporario/>>. Acesso em: 20 Ago. 2020.

Um giro pela fascinante história da moda. São Paulo: **Etiqueta Única**, 2020. Disponível em: <<https://www.etiquetaunica.com.br/blog/um-giro-pela-historia-da-moda/>>. Acesso em: 12 Mai. 2020.

VASCONCELOS, Fernando. **Estudo Comparativo das Características Ambientais das Principais Fibras Têxteis.** São Paulo: Centro Universitário da FEI, 2004. Disponível em: <<https://st3.ning.com/topology/rest/1.0/file/get/99115370?profile=original>>. Acesso em: 08 Ago. 2020.

ZONATTI, Welton Fernando. **Estudo interdisciplinar entre reciclagem têxtil e o design: avaliação de compósitos produzidos com fibras de algodão.** 2013. Dissertação (Mestrado em Têxtil e Moda) - Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/100/100133/tde-13032013-015305/pt-br.php>>. Acesso em: 09 Mai. 2020.

7. ANEXOS



Figura 1 - Vestidos de cintura alta, golas altas, gorros e chapéus.



Figura 2 - Mangas bufantes, decotes baixos e sutiãs



Figura 3 - camisas brancas, coletes, culotes, calças e botas

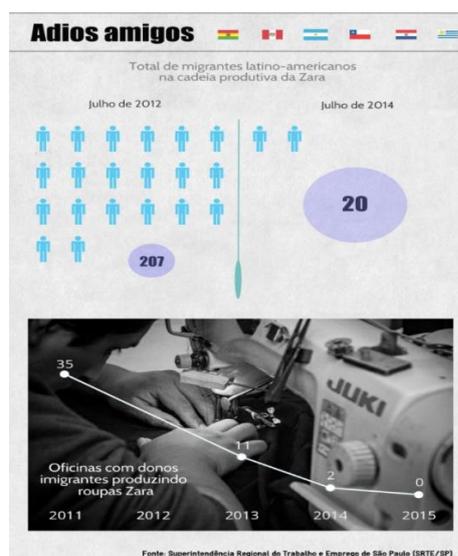


Figura 4 – Dados sobre a redução de migrantes na cadeia produtiva da Zara